

## **Jó Patriota, o Rei do Lirismo**



Tive a felicidade e honra de ter conhecido alguns poetas repentistas que imortalizaram o Rio Pajeú, como Vale dos Poetas. Nasci no século em que nasceram os poetas Jó Patriota, Cancão (João Batista de Siqueira), Pinto do Monteiro, Lourival Batista, Rogaciano Leite, Elomar, Zé Dantas, Zé Marcolino, Luiz Gonzaga e tantos e tantos mestres da música e da poesia do sertão nordestino. Com alguns poetas e compositores tive a felicidade de conviver, como é o caso de Zé Marcolino, Lourival Batista, Jó Patriota, Cancão e outros tantos. Entre todos eles, foi Jó Patriota o que mais deixou luz de poesia e rastros de apoio e carinho para os poetas a minha geração.

Jó Patriota, considerado como o "Rei do Lirismo" foi o último poeta boêmio que conviveu com a minha geração, disponibilizando a sua companhia em noites e noites de poesia, quando rompíamos as madrugadas para ouvi-lo e vê-lo à luz do luar ou em algum boteco fechado, declamando seus poemas, de outros poetas ou então glosando alguns versos de improviso.

Fazer poesia é uma coisa, porém viver a poesia é outra coisa totalmente diferente. Jó Patriota dormia e acordava sob a luz da poesia. Não sabia e não vivia outra coisa se não fosse o mundo da poesia. Emotivo, notívago, sentimental, lírico, inquieto, bucólico, nostálgico, fervilhante de poesia, estesiado pela estética do verso, contaminado pela sinergia do viver poético, Jó Patriota respirava poesia

todas as horas do dia. Foram várias vezes que ao encontrar com ele, o poeta já ia logo dizendo: "Gilmar, vamos para algum canto, para eu dizer ou declamar alguma poesia. Ela está borbulhando dentro de mim, querendo explodir, e se eu não a libertar, enlouqueço". Ouvi Jó dizer muitas vezes isso, e quando íamos para um lugar reservado, ele começava declamar, todo excitado, a pele vermelha e os olhos lacrimejando. Foi onde eu vi a poesia viva, muito além da escrita.

À alcunha de Rei do Lirismo foi uma justa homenagem, pois Jó fazia lembrar os poetas clássicos, boêmios, das escolas romântica, simbolista e parnasiana, pois seu estado de poesia era uma embriaguez permanente e o devaneio dos goles tóxicos do álcool se misturavam com os barris de poesia que transbordavam do seu coração embriagado.

Tal qual o "Idiota" do escritor russo Maiakovski, Jó era a bondade de um ser humano, demasiadamente humano, como escreveu Nietzsche. De uma pureza ingênua, como o príncipe Liév Nikoláievich Michkin do romance russo, o poeta lírico do Pajeú transbordava a inocência como uma espécie de poesia da bondade, da singeleza e da humildade. Amigo de todos e de todas as gerações, seu cartão de apresentação era o coração, e o laço da amizade, seu estado de poesia constante. Jó tratava todo mundo de poeta, pois para ele, só bastava ouvir e sentir a poesia para ser considerado um poeta.

Um poeta menino ou um menino poeta era a configuração do repentista que improvisava versos românticos, como se fosse um anjo sonhando ou cantando os sonhos de um amor romântico rico em figuras de linguagem, beleza poética, ritmo e sonoridade. Só quem viu Jó transbordando poesia, gentileza, humildade e bondade, sabe como ficaram órfãos os jovens poetas da época, os botecos e os becos de São José do Egito, onde o silêncio da poesia reina até hoje. Como uma maneira de a morte lhe prestar uma justa homenagem, Jó "partiu antes do combinado", e nos deixou no dia 12 de outubro, o Dia da Criança.

Certa vez, saindo do hospital, onde foi internado por causa do álcool etílico Jó fez essa linda quadra.

A dor de mim se aproxima  
E pra eu não perder a calma  
Passo uma esponja de rima  
Nos ferimentos da alma.

Além dos estilos ou estruturas poéticas que fazem parte de cantar versos de improviso, sob a luz rápida do repente, JÓ Patriota caminhou na mesma esteira dos poetas clássicos, ao dá seus passos nas nuances do soneto, escrevendo-o de forma brilhante, como é o caso do soneto que ele fez a pedido do poeta Cancão, sobre o tema *Velhice*.

### **Desilusão**

Sonhos, quimeras, ilusões, amores,  
Tudo tive na minha mocidade  
Mas o tempo na sua tempestade  
Faz dos dias como faz com as flores.

Fiz das horas os meus elevadores  
Pra subir a montanha da idade  
De cujo cimo fitando a imensidade  
Eu pensava viver como os condores.

Nessa triste ascensão de amargas horas  
Vi somente crepúsculo ao invés da aurora  
A velhice cheguei aos solavancos.

Nem mais vestígios das primeiras cenas  
Por herança de tudo deixei apenas  
Brancas coroas de cabelos brancos.